

Resumo SBPC: **Espaço e sujeito urbano na contemporaneidade: que sentido faz a violência?**

Eni Orlandi

Labeurb/IEL – Unicamp

Temos nos empenhado em refletir sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade tendo como objetivo compreender a forma e a necessidade dos movimentos sociais urbanos que, mal metaforizados, resultam na delinquência – e ligamos a palavra delinquência, a “de-linquo” que nos remete a enfraquecer, des-ligar - pensando justamente a necessidade do sujeito histórico e simbólico de praticar laços sociais . Teoricamente, estabelecemos um quadro de referência (E. Orlandi, 2001) onde refletimos sobre a interpelação do indivíduo em sujeito (forma história do sujeito capitalista, sustentado pelo jurídico) e sua individualização pelo Estado, resultando daí um sujeito ao mesmo tempo livre e responsável. Nosso objetivo primeiro é assim compreender o sujeito da modernidade e os movimentos sociais urbanos face à necessidade de se constituírem políticas públicas sustentadas na organização de um consenso imaginário. Analisamos – para compreender como este indivíduo se encontra na formação social em que há uma sobredeterminação do social pelo urbano, considerando que o espaço não é uma mera função abstrata mas “o espaço é azul e pássaros voam dentro” , ou seja, o espaço urbano é um espaço de significação em que sujeitos vivem – o sujeito do grafite, do piercing, da tatuagem, do rap, o menino do tráfico (falcão). Atualmente, entram para nossas considerações o mundo globalizado e as tecnologias de linguagem (o mundo eletrônico e a mídia). Mais especificamente, e dada a conjuntura sócio-política contemporânea, refletimos sobre a migração (e o banimento), a mundialização como pano de fundo em que sobressaem a criminalidade/delinquência, aí incluindo não só a contravenção, o tráfico, mas o terrorismo e outras formas de “violência” social. Que resultam na atualidade na divisão maniqueísta entre o Bem e o Mal. Observamos então o sujeito em seu processo de individualização nessa sociedade que é a nossa e os modos como, na instabilidade e na relação com o sem-sentido, ele pratica formas de subjetivação, no modo como procura se identificar, se reconhecer em sentidos que, ao faltarem o mergulham na violência.

Na reflexão sobre o sujeito da modernidade, somos sensíveis ao que diz Melman (2005) sobre a “nova economia psíquica”, sobre a dificuldade dos sujeitos disporem hoje de balizas tanto para esclarecer a tomada de decisões como para analisar situações às quais se confrontam. Como diz Lebrun, é espantosa , em um mundo caracterizado pela violência, uma nova atitude diante da morte, a demanda do transexual, as coerções ou mesmo as imposições do econômico, a emergência de sintomas inéditos, a tirania do consenso, a crença em soluções autoritárias, o peso do midiático, a alienação no virtual, a exigência do risco zero etc. Eu acrescentaria a corrupção e a impunidade, de um lado, e , de outro, a facilidade com que dividem a sociedade entre os que devem viver e os que não devem viver, podendo ser dizimados. Mas não acho que isto se passa da mesma maneira entre os países do norte e do sul. É essa diferença a que sou atenta que me faz pensar a distinção de S. Rolnik entre o homem da moral e o da ética, situando minha reflexão face ao que se passa no Brasil, sob o eco da mundialização.

Passando por uma reflexão de como somos significados pela mundialização, dando especial atenção ao que é preconceito, quando pensado discursivamente, pensando o mal estar contemporâneo, e neste mundo estranho, me volto para as

características de uma sociedade como a nossa, sociedade do individualismo, e como a questão do “outro” se coloca imediatamente, como presença incontornável. O problema que se põe é como tratar este outro. Como diz Enriquez(2004), a questão é se eu devo respeitá-lo ou eliminá-lo. Para mostrar como se dá essa relação, analiso o discurso do Falcão, menino do tráfico, tomando como base de minha análise uma sua fala (Do lado certo, na vida errada) e procuro compreender o que a sociedade coloca no “incompreensível”, trabalhando noções como equívoco, non-sens, sem-sentido, resistência e termino por re-definir o que se denomina “delinqüência”.

Pensamos que, todo o tempo, a sociedade e seus sujeitos estão em movimento na história, movimento que barrado, não significado politicamente, explode em sentidos que estão na base da produção da delinqüência, da marginalidade, do terrorismo, da ilegalidade etc. É com esta situação que devemos nos confrontar e sobre a qual devemos refletir para que o “incompreensível”, do que temos assistido, possa fazer algum sentido, em outro mundo (discurso) possível.

Como habitar um espaço, no caso o espaço urbano, e que espaço é este? Como ele é significado? Como o habitam? Como são significados seus sujeitos? Como transitam? Como são significados e se significam politicamente? Estas são perguntas a quês estamos atentos e que procuramos senão responder pelo menos levar em conta em nossa reflexão. Nossa proposta é de que é preciso aceitar o movimento e os deslocamentos no espaço urbano, no social, constituir situações abertas para que outros sentidos irrompam, outras práticas se instalem, outros modos de individualização se desenvolvam abrindo espaço para o que , hoje, não faz sentido.